

# A ARTE RUPESTRE EM CAVERNAS DA REGIÃO NOROESTE DE MATO GROSSO DO SUL: DISCUSSÕES PRELIMINARES

## *EL ARTE RUPESTRE EN LAS CUEVAS DE LA REGIÓN NOROESTE DE MATO GROSSO DO SUL: DISCUSIONES PRELIMINARES*

**Rodrigo Luiz Simas de Aguiar (1) & Keny Marques Lima (2)**

- (1) Doutor em Antropologia pela Universidade de Salamanca e professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS.  
(2) Acadêmico do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS.

Contatos: [rodrigoaguiar@ufgd.edu.br](mailto:rodrigoaguiar@ufgd.edu.br); [kenyddos@hotmail.com](mailto:kenyddos@hotmail.com).

### Resumo

A arte rupestre em cavernas se tornou uma área especializada na arqueologia, que combina os conhecimentos em espeleologia com as técnicas da prática arqueológica. A ocupação de cavernas por populações caçadoras e coletoras foi amplamente registrada por toda a região Centro-Oeste do Brasil. As cavernas existentes nos entornos dos municípios de Rio Negro e Corguinho encontram-se numa área relativamente próxima à borda leste do Pantanal sul-mato-grossense. Trata-se de uma área de litologia arenítica, pertencente ao Grupo Corumbá. Os dados iniciais sugerem que os autores dos grafismos estilisticamente vinculados à chave classificatória chamada *Tradição Planalto* deliberadamente optaram em executar seus grafismos em áreas de ocorrência de cavernas. A confirmação desse dato é de grande importância para a arqueologia, pois revelaria uma dinâmica de ocupação entre os indivíduos autores da arte rupestre da *Tradição Planalto* para Mato Grosso do Sul, evidenciando continuidades culturais calcadas em um modo de operação bem específico.

**Palavras-Chave:** Arqueologia; Arte rupestre; Mato Grosso do Sul; Cavernas, Tradição Planalto, arenito.

### Resume

*El arte rupestre en cuevas se volvió una especialidad en la arqueología, que combina los conocimientos en espeleología con las técnicas de la práctica arqueológica. La ocupación de cuevas por poblaciones de cazadores y recolectores fue ampliamente registrada por toda la región Centro-Oeste de Brasil. Las cuevas que del entorno de los municipios de Rio Negro y Corguinho están ubicadas en una zona cercana a la franja Este del Pantanal de Mato Grosso do Sul. Se trata de una zona de litología arenisca que pertenece al Grupo Corumba. Los datos iniciales de la zona investigada sugieren que los autores de los grafismos que estilísticamente están asociados a la clave de clasificación denominada en la arqueología brasileña de Tradición Planalto, optaron de manera deliberada por dibujar los símbolos rupestres en la zonas de ocurrencia de cuevas. La confirmación de este dato es de gran importancia para la arqueología, pues desvela una dinámica de ocupación practicada por los individuos que delinearón los motivos de la Tradición Planalto en Mato Grosso do Su. Tal hecho evidencia las continuidades culturales sustentadas por un modo operacional muy específico.*

**Palabras-clave:** Arqueología; Arte rupestre; Mato Grosso do Sul; Cuevas, Tradición Planalto, arenisco.

## 1. INTRODUÇÃO

A arte rupestre em cavernas se tornou uma área especializada na arqueologia, que combina os conhecimentos em espeleologia com as técnicas da prática arqueológica. A ocupação de cavernas por populações caçadoras e coletoras foi amplamente registrada por toda a região Centro-Oeste do Brasil. Os primeiros grupos humanos que transitavam pelas terras do Brasil Central tiveram que estabelecer profundos conhecimentos acerca dos biomas em que estavam inseridos, pois disso dependia a subsistência

e a manutenção da vida social. A busca por alimentos implicava transumâncias em um extenso território, otimizando a exploração com base nas sazonalidades das espécies e nas especificidades de cada ciclo natural. Diante disso, a ocupação de abrigos e cavernas era essencial para a vida destes grupos.

As datas mais antigas ora disponíveis indicam que a ocupação do Centro-Oeste teve início há aproximadamente 11 mil anos (Schmitz *et al.*, 1989). Em Mato Grosso do Sul, datações atestam a

presença do homem há pelo menos 10 mil anos (Veronese, 1992). Estes primeiros povoadores compartilham semelhanças em sua cultura material, sendo classificados pela arqueologia como *Tradição Itaparica* (Schmitz et al., 1986). A ocupação dos povos pré-ceramistas de economia baseada na caça, pesca e coleta se estende por um período entre 10 e 4 mil anos atrás, sendo que os primeiros registros de povos horticultores e ceramistas data de aproximadamente 3 mil anos (Schmitz, 2005). O interesse desse artigo está nas ocupações pré-cerâmicas, pois acreditamos que os autores dos grafismos aqui estudados pertençam a alguma das tradições arqueológicas desse período. Tal hipótese se sustenta em estudos desenvolvidos em outros estados, como em Minas Gerais, onde André Prous (1992) conseguiu datações entre 12 e 4 mil anos para pinturas animalistas análogas àquelas aqui tratadas.

Estilisticamente, a arte rupestre abordada nesse artigo possui atributos que nos permite enquadrá-la dentro da *Tradição Planalto*. Motivos desta tradição foram registrados nos estados do Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo, Minas Gerais e Bahia. São representações monocromáticas que têm por base principalmente o pigmento vermelho. Os grafismos da *Tradição Planalto* reproduzem, sobretudo, os animais do entorno ecológico, como tatus, cervídeos, aves, sauros, quelônios e peixes, mas raras são as figuras antropomórficas. As imagens são pintadas, via de regra, isoladas ou em pequenas associações, mas em todos os casos não retratam cenas elaboradas.

Nos últimos dois anos, uma equipe de arqueólogos da Universidade Federal da Grande Dourados vem desenvolvendo pesquisas em sítios arqueológicos de arte rupestre no estado de Mato Grosso do Sul. Os primeiros resultados foram difundidos por meio de publicações que visam aprofundar o conhecimento acerca destes registros gráficos legados pelo homem pré-histórico (Aguiar, 2012a; Aguiar, 2012b; Aguiar, Lima & Freitas, 2012).

O presente artigo diferencia-se dos acima citados por apresentar uma reflexão acerca da ocorrência da arte rupestre em contexto de cavernas, uma relação ainda pouco pensada no meio arqueológico brasileiro. Tal abordagem é de interesse tanto para a arqueologia quanto para a espeleologia. O estudo em tela englobou quatro cavernas com arte rupestre identificadas nos municípios de Rio Negro e Corguinho, região Centro-Norte do estado de Mato Grosso do Sul. A equipe da Universidade Federal da Grande Dourados continua com os estudos na região e espera que o

número de sítios com arte rupestre registrados aumente significativamente.

É importante frisar que este artigo se ocupa apenas dos casos em que as pinturas ocorrem efetivamente em contexto de cavernas, ficando de fora aqueles sítios de abrigos sem caverna ou paredões isolados. Este recorte no objeto de estudo evidenciou um dado importante: dos sítios de Rio Negro e região até o momento estudados, todas as pinturas rupestres que ocorrem no interior das cavernas possuem atributos estilísticos compatíveis com a *Tradição Planalto*. São figuras zoomorfas, monocromáticas (maioria em vermelho), com alta incidência de grafismos em silhueta<sup>1</sup>.

A ocorrência de arte rupestre em cavernas é bem conhecida na literatura científica mundial. Contudo, no Brasil há poucas abordagens que tratam exclusivamente da arte rupestre em cavernas, pois normalmente este tipo de sítio arqueológico em nosso país é discutido em contexto, juntamente com outros tipos de sítios que ocorrem em abrigos e paredões. Já as prospecções de arte rupestre em áreas de penumbra e em cavernas profundas são escassas, haja vista a necessidade de conhecimento bem específico, que combina os campos da arqueologia e espeleologia. O estudo desse tipo de arte rupestre em outras partes do mundo revelou aspectos interessantes de interação com os grafismos, como em Surratt Cave no Novo México, onde os autores percutiam contra a parede de um painel pintado, produzindo sons similares ao de um tambor (Greer & Greer, 1997). Espera-se que com o decorrer das pesquisas seja possível fornecer uma visão mais detalhada acerca da ocorrência de arte rupestre em zonas afólicas e de penumbra nas cavernas do Mato Grosso do Sul.

As quatro cavernas identificadas e estudadas nesta primeira etapa da pesquisa foram as seguintes:

- a) Município de Rio Negro: Caverna do Samuca, Caverna da Santa (Serra Brava), Caverna da Fazenda Boa Vista de Água Fria e Caverna do Índio (Fazenda do Seu Carneiro);
- b) Município de Corguinho: Caverna Grande do Distrito de Taboco.

## 2. BREVE DESCRIÇÃO GEOMORFOLÓGICA

As cavernas existentes na região de Rio Negro e Corguinho encontram-se numa área relativamente próxima à borda leste do Pantanal sul-matogrossense. Trata-se de uma área de litologia arenítica, pertencente ao Grupo Corumbá, e de médio grau de potencialidade para ocorrência de cavernas, conforme informações do Centro Nacional

de Pesquisa e Conservação de Cavernas, o ICMBIO-CECAV. Por se tratar de cavidades formadas em rocha arenítica, tais ocorrências apresentam baixo desenvolvimento linear se comparadas às cavidades carbonáticas (calcárias) que possuem gênese diferenciada, possibilitando a formação de grandes cavidades que se estendem por dezenas ou até centenas de metros solo abaixo.

As cavernas em arenito são, em geral, ambientes com baixa umidade, sofrem menos com a exsudação (que é o “suar da rocha”) e dessa forma se tornam perfeitas cápsulas do tempo, com uma capacidade extraordinária de conservação. Neste sentido, as cavidades tratadas neste artigo desempenham a função de mantenedoras das primeiras manifestações da presença humana em nosso estado, evidenciadas através das pinturas e gravuras contidas em seus interiores.

Há de se observar que nas áreas do entorno das cavidades existem diversos impactos antrópicos sobre o meio natural, que ocasionam problemas de estabilidade/subsidência. Tais impactos são produzidos através do uso impróprio do terreno pela pecuária extensiva, pela erosão dos solos através de emprego de técnicas agrícolas inadequadas de monocultura, além da falta do preparo correto das áreas de terraço, tais como curvas de nível.

### 3. DESCRIÇÃO DAS CAVERNAS

#### 3.1. Caverna do Samuca

Com projeção horizontal de 17 metros essa cavidade possui apenas um pórtico de entrada, situado três metros acima da base do maciço rochoso, e para atingi-lo é necessário percorrer um pequeno parapeito em sua encosta efetuando uma entrada lateralizada pela direita. Possui teto não superior a três metros e meio. Nos fundos da cavidade nota-se um grande substrato de matéria orgânica resultado de anos de acúmulo de guano produzido pela colônia de morcegos ali existente. A trilha de acesso à cavidade é de fácil locomoção, desenvolvendo-se em grande parte pelo pasto (após sair da sede da fazenda) e na sua etapa final é preciso percorrer uma trilha em mata fechada por uma distância não superior a 300 metros. Possui uma tipologia de fenda não inclinada. A litologia da caverna é composta por arenitos finos a conglomeráticos, com estruturas primárias horizontais. Apresenta decapamentos, diáclases (fraturas) e pequena quantidade de blocos abatidos. Cúpulas de corrosão (Martins, 1985 *apud* Veríssimo & Spoladore, 1994) e estruturas de dissolução diferencial tipo “caixa de ovos” (Pinheiros, 1987 *apud* Veríssimo & Spoladore, 1994) foram

observados como sendo os únicos espeleotemas específicos de grutas em arenito. No tocante às intervenções antrópicas, pode-se considerar que a cavidade está bem preservada, mas que sofre influências de queimadas anuais. Quanto ao uso, num passado recente a cavidade serviu de paragem para caçadores, de acordo com relato feito pelo atual proprietário.

#### 3.2. Caverna da Santa, região de Serra Brava

Com projeção horizontal de 33,6 metros essa cavidade, pelas suas dimensões, lembra uma grande garagem situada na base do maciço rochoso. Possui teto abobodado não superior a quatro metros. O acesso a cavidade se desenvolve em grande parte pelo pasto, percorrendo um caminho de aproximadamente 2,5 km, até a chegada na mata fechada, onde se inicia uma trilha não superior a 500 metros que finda na caverna. A litologia da caverna é composta por arenitos finos a conglomeráticos, com estruturas primárias horizontais. Possui uma tipologia de fenda não inclinada, apresentando pouco decapamento e diáclase, bem como baixa quantidade de blocos abatidos. Foi observado um pequeno afloramento de cristais de sílica do lado direito do pórtico da cavidade, além de manchas de descoloração ao longo de fraturas e estratificações, crostas ferruginosas e crostas silicosas na forma de couve-flor, características já descritas por Wernick (1976). No tocante às intervenções antrópicas, pode-se considerar que a cavidade sofre influências indiretas, provocadas pelos rebanhos existentes na propriedade, como pisoteamento do substrato interno e introdução de matéria orgânica (estrume) colaborando para a infestação de agentes estranhos a dinâmica do ambiente como formigas, cupins, fungos que comprometem as pinturas ali existentes.

#### 3.3. Caverna do Índio, Fazenda do Seu Carneiro

Com projeção horizontal de 24 metros, a gruta situa-se no topo do maciço rochoso e seu pórtico está voltado para um grande vale de modo que se vêem as escarpas que formam o canyon. Possui teto irregular não superior a quatro metros. A litologia da caverna é composta por arenitos finos. Possui uma tipologia de fenda não inclinada apresentando decapamento e diáclase acentuada, bem como alta quantidade de blocos abatidos. Nas paredes mais ao fundo da cavidade observa-se grande quantidade de líquens oriundos de um escorrimento que se forma trazendo consigo matéria orgânica; a proximidade do teto da caverna com a superfície do morro colabora neste sentido. Não foi observado nenhum espeleotema específico de grutas em arenito, nem

aqueles típicos de rocha carbonática. Constata-se a presença de uma pequena oficina lítica, que se resume a afiadores, em dois pequenos blocos abatidos que estão próximos às pinturas. No tocante às intervenções antrópicas recentes, pode-se considerar que a cavidade já foi alvo de vandalismo, apresentando algumas pichações, contudo, nada que comprometa a identificação dos motivos rupestres existentes. Medidas de proteção e salvaguarda foram adotadas pelo atual proprietário proibindo a entrada de pessoas não autorizadas naquele local.

### 3.4. Caverna da Fazenda Boa Vista de Água Fria

Com projeção horizontal de aproximadamente 12 metros essa caverna possui um acesso fácil, sendo feito numa primeira parte pelo pasto e num segundo trecho através de um corredor de gado. Uma pequena faixa de mata separa a caverna, que se encontra no sopé do morro à beira do corredor de gado. A cavidade caracteriza-se por um estreito conduto com um metro e quarenta de altura e um metro e meio de largura em média. Ao final do conduto abri-se um pequeno salão de aproximadamente dezesseis metros quadrados, de teto igualmente baixo e repleto de guano, proveniente de uma colônia de morcegos ali instalada. Possui uma tipologia de fenda não inclinada apresentando decapamento e diáclase pouco acentuados. Em outro momento a cavidade foi condicionada por fluxo hídrico. Tal fato pode ser constatado pela coloração ocre das paredes do conduto, manchas resultantes de escorrimentos. Outro ponto observado e que corrobora com o susodito são as paredes lixiviadas, completamente lisas e ausentes de espeleotemas. A cavidade encontrava-se seca na maioria de sua extensão, possivelmente devido à baixa pluviosidade do período. Foi registrado apenas um gotejamento ativo, logo no início do conduto.

### 3.5. Caverna Grande do Taboco (Município de Corguinho)

Com projeção horizontal de aproximadamente 35 metros essa cavidade diferencia-se das demais pela amplitude de seu pórtico e por possuir, diferentemente das cavernas anteriormente descritas, zona afótica. Situa-se na parte abaixo do platô e suas dimensões são decorrentes da ação de águas fluviais provenientes de rio intermitente que se forma em função do período chuvoso, de modo a surgir uma cachoeira que dependendo da vazão chega a encobrir o pórtico da caverna.

Na época da seca (ocasião da visita) pôde se observar um substrato úmido e marcas na parede sugerindo a altura que água atingiu no período de chuva. Possui teto irregular de aproximadamente 15 metros na parte mais alta. A litologia da caverna é composta por arenitos finos. Possui uma tipologia de fenda não inclinada e inexistência de blocos abatidos. A ação da água sobre o rocha matriz foi determinante na formação de cavidade com tamanha proporção. Nos fundos da caverna observou-se um pequeno acúmulo de água dando indícios de um gotejamento ativo.

## 4. A ARTE RUPESTRE NAS CAVERNAS

Em rio Negro, nas cavernas do Samuka e do Seu Carneiro, a arte rupestre ocorre na área interna, nas paredes de suas galerias. Em ambos os casos, as pinturas estão situadas na entrada da caverna, onde há incidência de luz natural. Nas duas cavernas as pinturas estão bem apagadas, algumas em avançado estágio de vestígio. Como as cavernas estão voltadas para o leste, a luz do sol nascente penetra na caverna e ilumina as pinturas nas primeiras horas da manhã. Segundo Dragovitch (1981) a incidência de luz sobre as pinturas rupestres em ambientes de microclimas de cavernas (especialmente os secos) pode contribuir para a descoloração das mesmas. Isso explicaria porque as pinturas nos dois casos aqui discutidos estariam em estado de vestígio (Figuras 1 e 2).

As alterações de temperatura no interior das cavernas podem provocar fraturas no suporte rochoso (Dragovitch, 1981). Este tipo de fenômeno natural acarreta a perda irreparável de grafismos rupestres, como efetivamente está ocorrendo na Caverna do Samuka (Figura 1). No Mato Grosso do Sul a caça ainda é praticada, apesar da proibição legal. Sabe-se por meio de relatos que em alguns casos caçadores ascenderam fogueiras no interior de cavernas, o que agravou ainda mais a situação de fraturas e desagregamentos.

Nas outras duas cavernas estudadas, a arte rupestre ocorre nos paredões adjacentes às entradas. Nestes casos, os elementos da *Tradição Planalto* ocorrem associados a ocupações de outros estilos. A Caverna da Santa, em Serra Brava, é composta de uma enorme galeria (Figura 3a), excelente para ocupação humana prolongada. Há abundante fonte de água potável nos arredores e a caça seria notável como recurso alimentar. Como a entrada da caverna está em uma elevação, é possível ter uma vista privilegiada do entorno. Neste sítio ocorre uma particularidade na forma de representar as figuras ornitomorfos (Figura 3b). Apesar das representações

de aves seguirem o mesmo padrão de delineamento dos outros sítios, onde as asas são traçadas em feição de pente, no sítio de Serra Brava estas figuras foram agigantadas, tendo cerca de um metro e vinte de altura.

A caverna do sítio arqueológico da Fazenda Boa Vista, localidade de Água Fria, possui junto à entrada um abrigo baixo e o acesso ao salão se dá por uma boca estreita. Não há pinturas no interior da caverna, contudo, o teto do abrigo possui pinturas de figuras geométricas em vermelho (Figura 4). Elementos gráficos atribuíveis à categoria da *Tradição Planalto* são identificáveis neste sítio, porém aparecem associados a pinturas de outros estilos (Figuras 4 e 5). Na região de Rio Negro, este é o sítio com maior ocorrência de grafismos rupestres. Contudo, as muitas sobreposições de grafismos em situação de vestígio, seja por desgaste natural ou pela ação de líquens, convertem o painel em um emaranhado de linhas e manchas

ininteligíveis, prejudicando uma precisa contagem dos símbolos.

Caso especial é a caverna identificada no distrito de Taboco, município de Corguinho. Apesar de estar situada a menos de vinte quilômetros dos sítios de Rio Negro, esta caverna, nominada Caverna Grande do Taboco, se diferencia das demais porque os grafismos aqui foram feitos na zona de penumbra, sendo necessário o emprego de luz artificial para visualização das pinturas (Figura 6). Repetem-se os típicos elementos da *Tradição Planalto*, contudo, ali muito bem preservados, o que vem corroborar com a tese de que as pinturas em microclimas de cavernas preservam melhor sua pigmentação quando a luz solar não incide sobre elas. Há outros sítios de arte rupestre nas imediações, contudo em contexto de abrigos sem caverna. Curiosamente, nestes outros locais não ocorrem os grafismos característicos da *Tradição Planalto*.

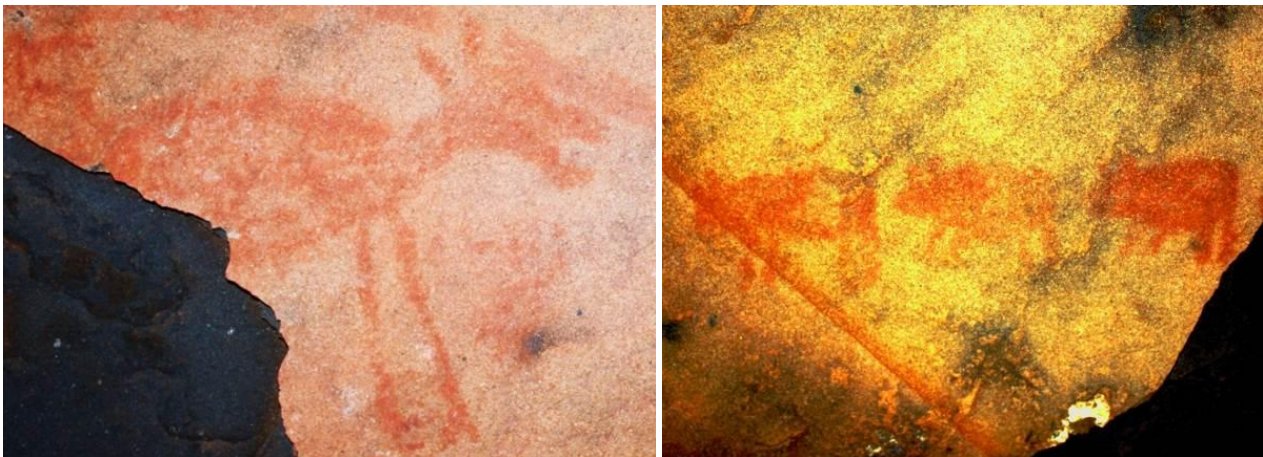


Figura 1: a) e b) Pinturas da Caverna do Samuka.



Figura 2: a) e b) Pinturas da Caverna do Índio, sítio do Seu Carneiro.

## 5. DISCUSSÃO DE TRADIÇÕES E CONTINUIDADE CULTURAL

O conceito de tradição passa por uma longa discussão na arqueologia brasileira. A principal crítica é a associação entre tradições arqueológicas e

continuidades étnicas. Contudo, as permanências estilísticas em alguns casos são notáveis, o que suscita calorosas discussões. Imaginando figuras análogas, englobadas dentro de uma mesma tradição, porém executadas em locais muito distantes, podemos dizer que se trata de

continuidade cultural? Sim, sem dúvida. Diante desse quadro, o arqueólogo não está necessariamente lidando com continuidade étnica, mas se um grupo influencia outro a ponto de difundir elementos da cultura material e imaterial, estamos sim lidando com continuidade cultural. Outrossim, as semelhanças apontadas podem ser efetivamente indicadoras de uma permanência sócio-cultural. O problema é que tendo somente a cultura material como objeto de interpretação do passado, resulta impossível afirmar se as continuidades estilísticas são indicativas de permanências étnicas. Não obstante, ainda que não possamos estabelecer com clareza as vinculações étnicas a partir da análise exclusiva da cultura material, igualmente não é possível negá-las. Ou seja, na impossibilidade de afirmar uma posição não necessariamente tem que se negar outra.

Num passado tão remoto, a relação do homem com o tempo e as pautas formadoras de suas condutas em muito se difere do que estamos

habitados a ver e praticar na sociedade ocidental industrializada. Séculos, para nós, são sinônimos de mudanças radicais, ao passo em que para as sociedades pré-históricas possivelmente representaria sucessão de gerações e mobilidade territorial dentro de uma cultura milenarmente preservada e transmitida.

Assim sendo, pinturas que hoje identificamos como *Tradição Planalto* executadas em cavernas do Mato Grosso do Sul podem sim ter relação com aquelas outras feitas em abrigos de Minas Gerais ou do Paraná. E essa relação quiçá seja um importante indicativo de continuidade cultural, incorporando elementos particulares em cada tempo e espaço, mas conservando a unidade simbólica básica. Neste caso pinturas não são só pinturas, não são arte pela arte, mas sim a materialização de um discurso cosmológico, cuja essência é intencionalmente conservada pelos indivíduos autores dos grafismos a fim de conferir sentido ao mundo e moldar a vivência social.



**Figura 3:** a) O salão da caverna de Serra Brava visto de dentro para fora.  
b) Representações ornitomorfas de Serra Brava.



**Figura 4:** a) Pintura no teto do abrigo no pórtico da Caverna em Água Fria.  
b) Quadrúpede típico da *Tradição Planalto*.



Figura 5: a) Painel monocromático, em cor branca. b) Figura geométrica em estilo diferente.

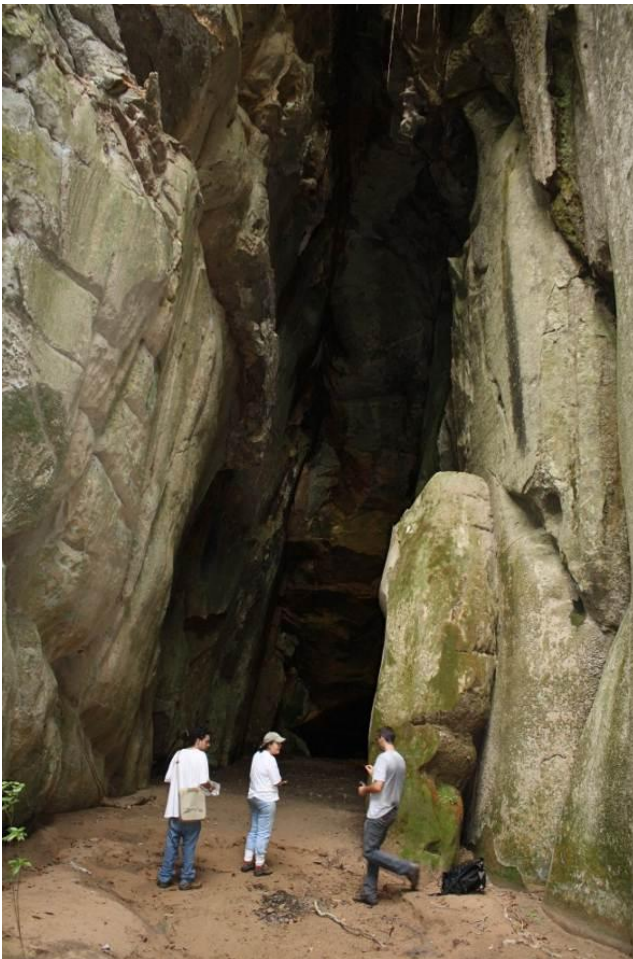


Figura 6: A Caverna Grande do Taboco e suas pinturas

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados iniciais sugerem que os autores dos grafismos estilisticamente vinculados à chave classificativa chamada *Tradição Planalto* optaram conscientemente em executar seus grafismos em áreas de ocorrência de cavernas. Caso este dado se confirme com o decorrer das pesquisas fica constada uma dinâmica de ocupação entre os indivíduos autores da arte rupestre da *Tradição Planalto* para essa região de Mato Grosso do Sul. Esse dado é de grande relevância, pois as continuidades estilísticas associadas a uma dinâmica de ocupação bem definida revelam permanências culturais. Tal situação é polêmica, haja vista a atual resistência dos arqueólogos em associar estilos na arte rupestre com unidades culturais. Evidentemente é indispensável conduzir escavações arqueológicas nas cavernas aqui apontadas para melhor compreender o contexto arqueológico que permeia a arte rupestre em

questão. Contudo, estes resultados preliminares levantam importantes pontos de reflexão para o estudo da arte rupestre e sua relação com unidades culturais.

## AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados. Ao Sr. Reginaldo da Prefeitura Municipal de Rio Negro. À professora Duca Andrade, do Instituto Quinta do Sol, e ao Projeto Queixada da WCS Brasil, responsáveis pela localização de sítios de arte rupestre na região do Taboco. À prefeitura Municipal de Alcinópolis e em especial a Elisberto Martins Rezende (Bufinha), Edilson de Oliveira Gomes (Cotonett), Kenio Batista Nogueira e Erciliomar Furquin Rocha.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, R. L. S. 2012a. Arte na Pedra: o surpreendente e pouco conhecido patrimônio pré-histórico de Mato Grosso do Sul. **Ciência Hoje**, v. 297, p. 32-37.
- AGUIAR, R. L. S. 2012b. Alcinópolis Na capital da arte rupestre de Mato Grosso do Sul grafismos são testemunhos da vida na pré-história. **Revista Geo**, v. 39, p. 110-119.
- AGUIAR, R. L. S.; LIMA, K. M.; FREITAS, L. G. 2012. Continuidades e transformações nas manifestações rupestres da tradição planalto em Mato Grosso do Sul, Brasil. O caso das pinturas rupestres do município de Rio Negro. **Revista Diálogos**, v. 16, p. 997-1026.
- BEBER, M. V. 1994. **Arte Rupestre no Nordeste de Mato Grosso do Sul**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em Arqueologia. Porto Alegre: PUC/RS.
- KASHIMOTO, Emilia Mariko & MARTINS, Gilson Rodolfo (2004). Archaeology of the Holocene in the upper Parana River, Mato Grosso do Sul State, Brazil. **Quaternary International**, vol. 114, pp. 67-86.
- GREER, John (2001). Lowland South America. In: David S. Whitley, **Handbook of Rock Art Research**. Altamira Press, pp. 665-706
- GREER, John & GREER, Mavis (1997). Dark Zone Rock Art in Surratt Cave, a deep cavern in Central New Mexico. **American Indian Rock Art**, Vol. 23, pp. 25-40
- GREER, John & GREER, Mavis (1999). Dark zone and twilight zone pictographs in U-Bar Cave, Southwestern New Mexico. **Rock Art Papers**, vol. 14; San Diego Museum Papers 36. pp. 11-19.
- DRAGOVITCH, D. (1981). Cavern microclimates in relation to preservation of rock art. **Studies in Conservation**, Vol. 26, Nº 4, pp. 143-149.
- LEROI-GOURHAN, A. 1993. The religion of the caves. In: Margaret Conkey. **Pre-historic Art Readers** (Fall of 1993). Department of Anthropology, University of California Berkeley.
- PROUS, A. 1992. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UnB. 23



- SCHMITZ, P. I. 2005. Arqueologia do Estado do Mato Grosso do Sul. Palestra de abertura do **XIII Congresso da SAB**. São Leopoldo: IAP/Unisinos. Disponível em: [www.anchietano.com.br](http://www.anchietano.com.br). Acesso em: 16 ago. 2011.
- SCHMITZ, P. I. 1997. **Serranópolis II**: as pinturas e gravuras dos abrigos. São Leopoldo: IAP/Unisinos.
- SCHMITZ, P. I.; RIBEIRO, M. B.; BARBOSA, A. S.; BARBOSA, M. O.; MIRANDA, A. F. (1986). **Caiapônia**: arqueologia nos cerrados do Brasil Central. São Leopoldo: IAP/Unisinos.
- SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; RIBEIRO, M. B.; VERARDI, I. 1984. **Arte Rupestre no Centro do Brasil** – pinturas e gravuras da Pré-História de Goiás e oeste da Bahia. São Leopoldo: IAP/Unisinos.
- SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S.; JACOBUS, A. L.; RIBEIRO, M. B. 1989. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central** – Serranópolis I. São Leopoldo: IAP/Unisinos.
- VERONEZE, E. 1992. **A ocupação do Planalto Central Brasileiro**: o nordeste do Mato Grosso do Sul. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Unisinos.
- VERISSIMO, C. U. V.; SPOLADORE, A. 1994. Gruta do Fazendão (SP-170): considerações geológicas e genéticas. **Espeleo-Tema**, SBE, v. 17, p. 7-17.
- VIALOU, D. 2006. A arte rupestre e a paisagem da Cidade de Pedra. In: Águeda Vilhena Vialou (org.). **Pré-história de Mato Grosso**; Vol 2. – A cidade de pedra. São Paulo: EDUSP, pp. 51-70.
- WERNICK, E.; PASTORE, E. R. B.; PIRES NETO, A. 1976. Cavernas em arenitos. **Notícia Geomorfológica**, Campinas, v. 13, n. 26, p. 55-67.

---

**Fluxo editorial:**

Recebido em: 31.08.2012

Aprovado em: 13.12.2012



A revista *Espeleo-Tema* é uma publicação da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE).  
Para submissão de artigos ou consulta aos já publicados visite:

[www.cavernas.org.br/espeleo-tema.asp](http://www.cavernas.org.br/espeleo-tema.asp)

---

<sup>1</sup> Que não possuem tratamento linear para delimitar o campo do elemento representado.